*Inácio Steinhardt*

"Antroponímia hebraica da família Bensaúde dos Açores"

Resumo:

*É facto conhecido que a família Bensaúde só adoptou este apelido à sua chegada aos Açores, ou pouco antes. Na sua origem, em Marrocos, eles chamavam-se Assiboni. Também em Portugal, em todos os actos religiosos, em tanto que judeus praticantes, nasciam e morriam Assiboni. Este trabalho pretende analisar a conexão desta prática com as de outras famílias do mesmo apelido.*

Abraham Assiboni foi o primeiro judeu marroquino a desembarcar nos Açores, em 1818, e a estabelecer o lar da sua família em Ponta Delgada. Tinha então 28 anos.

Os seus descendentes constituem a família portuguesa, açoriana, Bensaúde, cuja relevância na vida económica, social e científica do arquipélago, nos últimos dois séculos da sua história, está suficientemente estudada e demonstrada, dispensando encómios adicionais. Fátima Sequeira Dias, a historiadora que mais estudou a acção dessa família no contexto económico, ao mesmo tempo que usa do trocadilho "os Bensaúde dos Açores ou os Açores dos Bensaúde" ]Dias, Indiferença, p. 18[ afirma "Pode assim dizer-se que os Bensaúde fazem parte da história açoriana sendo impossível esquecer o seu contributo para o fomento deste arquipélago até aos nossos dias." ]Dias, Indiferença, p. 30[.

Não foi só nos Açores que a benéfica influência da família Bensaúde se fez sentir. Também na Comunidade Israelita de Lisboa. Abraham Nathan Bensaúde, manteve a sinagoga "Ets Haim 1ª", de Lisboa, desde o seu início, em 1813. Depois do seu falecimento, foi mantida pelos seus herdeiros, e manteve-se em funcionamento parcial até 1950[[1]](#footnote-1). Abraham Nathan Bensaúde foi também o primeiro presidente honorário da Comunidade Israelita de Lisboa. Alfredo Bensaúde foi vice-presidente do primeiro Comité da mesma. Quando das obras de reconstrução da sinagoga "Shaaré Tikva", a Casa Bensaúde fez a contribuição mais importante para as obras. E ainda hoje, o atual presidente da direção da CIL é um Bensaúde, José Oulman Bensaúde Carp.

Mais recentemente, membros da família Bensaúde acompanharam, de sua conta, a conservação dos cemitérios judaicos de Ponta Delgada, e de Angra do Heroísmo; devem-se-lhes o primeiro passo para a reparação da sinagoga Shaaré Hashamaim de Ponta Delgada[[2]](#footnote-2), contribuição de livros para a futura biblioteca da sinagoga-museu, e o financiamento da catalogação da biblioteca da Professora Fátima Sequeira Dias, oferecida pela família à Universidade dos Açores. Contudo, a maioria destas acções, que, mais do que mecenato representam uma devoção sentimental às suas origens, escondem-se por detrás de um perfil recatado que os membros da família Bensaúde sempre mantiveram[[3]](#footnote-3).

Também Portugal, como país, é devedor de importantes contribuições científicas da família Bensaúde, como a fundação do Instituto Superior Técnico (Alfredo Bensaúde), a historiografia da navegação portuguesa (Joaquim Bensaúde) e as contribuições para as ciências biológicas (Mathilde Bensaúde).

A isto há que somar inúmeras obras de mecenato dos membros da família, e até um Presidente da República, Jorge Sampaio, também descendente do judeu marroquino, que quis ser português.

A saga do duplo apelido

Colocada assim a relevância desta família no seu contexto, passemos agora ao tema da análise que me proponho fazer da sua história antroponímica, nomeadamente a razão do estranho uso de dois apelidos paralelos, um para os usos laicos e outro para os religiosos. Também os nomes próprios seguiram, na sinagoga, a antiga tradição dos judeus marroquinos, que atribuem aos primogénitos recém-nascidos os nomes próprios dos seus avós paternos[[4]](#footnote-4). A mesmo tempo que, na vida laica, usaram nomes genuinamente portugueses. Terão estes dois factos desempenhado um papel anímico no destino desta família?

Para isso, teremos que começar por compreender os desígnios da Providência, que levaram Abraham Assiboni a emigrar da sua terra natal e a adoptar Portugal como nova pátria, sua e dos seus descendentes.

Salé e Rabat são duas cidades irmãs, situadas frente a frente, nas duas margens do rio Bouregreg , na costa atlântica de Marrocos.

Em ambas as cidades residiam muitos judeus, que se dedicavam sobretudo ao comércio internacional, de importação e exportação, através do porto marítimo de Rabat. Esses negócios foram iniciados, num passado não muito longínquo, pelos piratas do mar, que tiveram uma base e armazém em Salé, onde desembarcavam o produto dos seus saques, que vendiam de seguida no mercado local.

Aproveitando a afluência de clientes a esses mercados, os judeus estabeleceram o seu comércio, principalmente de têxteis, especiarias e até metais preciosos, através de uma ampla rede de contactos nas principais praças da Europa.

Os judeus faziam o seu negócio em Rabat, mas, na sua maioria, habitavam em Salé. Entre eles, as famílias Ben-Attar, Ben-Zaken, Azulai, Amsalem, Zagury, Marrache, Lasri, Amzallag, Moyal, Siboni e outros. Algumas dessas iremos encontrar mais tarde também nos Açores.

Características dos apelidos judaicos

Lembremos rapidamente a morfologia dos apelidos dos judeus. Judeus e árabes mantiveram durante muito tempo o uso de designar as pessoas apenas pelo seu nome próprio e patronímico: F. filho de S. Tal como em português: os condes D. Henrique e D. Raimundo, por exemplo, deram aos seus primogénitos o nome do avô materno – Afonso. Cada um deles distinguia-se pelo patronímico – Afonso Raimundes e Afonso Henriques. Os árabes e os judeus, em lugar do sufixo "es" usavam a partícula "ben" (hebraico e árabe) ou "ibn" (árabe), ambas com o significado de "filho de". Os mouros designavam o conde, depois rei, de Portugal, por "Ibn Arrik", filho de Henrique.

Contudo esse sistema não bastava, na prática, quando havia vários indivíduos com o mesmo nome próprio e o mesmo patronímico. Tornava-se necessário acrescentar-lhes um designativo, para os distinguir. Assim, chamavam os indivíduos pelos nomes das suas terras de origem (de Almeida, de Lisboa, de Azamor), pela sua profissão (alfaiate, padeiro, ferrador) ou qualquer outra designação física ou familiar característica (velho, moço, manco, zarco, cohen, levi). Assim, em hebraico, David filho de Moisés Cohen será David Ben-Moshé Cohen, ou Hacohen (o Cohen). Essa designação recebeu em hebraico o nome de "kinui" (apelido, alcunha, em árabe al-kunya, igual a kinui). No português dos processos da Inquisição isto dizia-se "a quem chamam o…".

Da mesma forma, David Zagury (da cidade de Zagura), pode ser chamado também Hazagury ou Azagury, e Isac Zaffrani (da cidade de Zaafaran) pode ser Zaffrani ou Azaffrani, e Aaron Siboni (tintureiro[[5]](#footnote-5)) poderá ser também Assiboni ou Hassiboni (o tintureiro).

Judeus com o nome Siboni[[6]](#footnote-6) (ou Assiboni) já viviam em Salé, há vários séculos. Entre eles uma família de rabinos cabalistas, a que pertencia, já no século XVII, rabi Yehudah (Judah) Assiboni[[7]](#footnote-7), que publicou vários tratados de sua autoria e outros revistos e anotados por ele. Seria este um antepassado de Judah Assiboni, pai do primeiro judeu nos Açores? Não é de excluir esta hipótese, se atendermos à já referida tradição dos judeus de Marrocos nomearem os seus filhos primogénitos pelo nome do avô. Por isso, encontramos tantas repetições dos mesmos nomes próprios em cada família. Um exemplo, é o de outro famoso rabino de Salé, Aharon (Arão) Siboni ou Assiboni, que viveu em meados do século XVII[[8]](#footnote-8) . Também os seus filhos David Siboni e Joshua Assiboni, e um filho deste, chamado também Aharon, como seu avô, foram rabinos em Salé no século XVII. Nos Açores vamos encontrar uma sucessão de nomes Mimon[[9]](#footnote-9) (ou Mimão)>Arão>Mimon>Arão, na linhagem de outro Abraão Assiboni (nascido cerca de 1820), cujo filho Mimão assumiu também o apelido Bensaúde. José Maria Abecassis[[10]](#footnote-10), publicou esta linha Assiboni-Bensaúde, sem contudo identificar a relação familiar com o primeiro Abraão Bensaúde (nascido cerca de 1830), excepto que um bisneto daquele (Mimon Assiboni ou Bensaúde) casou com a bisneta deste (Reina Assiboni ou Helena Bensaúde)[[11]](#footnote-11) [[12]](#footnote-12). Em 1853, o rabino Salon (Shalom) Siboni, de Salé, compunha orações em verso.

As circunstâncias instáveis em que viviam os judeus em Marrocos faziam com que mudassem de residência frequentemente. Talvez por isso vamos encontrar em Marakesh outro famoso cabalista, Mordehai Hassiboni, e seus filhos Yaakob (Jacob) e Chemuel (Samuel) David. Em 1911, Mordehai Assiboni publicou um livro dos Salmos, comentado, a que deu o título de "Yeshuot Yaakob", em memória de seu pai, que também se chamara Yaakob (Jacob), o nome que, seguindo a mesma tradição dos judeus sefarditas, Mordehai transmitiu para o seu primogénito.

Em Salé nasceu também, em 1790, o nosso Abraham Assiboni. Seguindo a mesma tradição, Abraham, como primogénito de Judah Assiboni, recebeu o nome do avô, Abraham Assiboni como ele.

O êxodo de Marrocos

Entre 1792-1822 governou em Marrocos o sultão Mulei Sulayman. Mulei Sulayman seguia uma política de isolacionismo, cerceando a liberdade dos comerciantes e as suas actividades com o estrangeiro. O reino vivia então um período muito agitado de revoluções internas, em consequência das quais os sultões eram depostos e substituídos, e logo voltavam ao poder os mesmos ou seus parentes, através de nova revolução. De cada vez que tal sucedia, a população das principais cidades era agitada por lutas internas. Como sempre, os judeus eram as principais vítimas, tanto dos vencedores como dos vencidos. A família de Yehuda Assiboni, pai de Abraham, estava ainda mais necessitada, porque Yehuda faleceu, deixando a viúva, Reina Marrache, em difíceis condições económicas e com o encargo do sustento e da educação de cinco filhos menores. Abraham referia, em conversas de família, que, nessa altura, se viu obrigado a trabalhar como servente de pedreiro, para ajudar a economia da família[[13]](#footnote-13).

A tradição oral da família[[14]](#footnote-14) diz que, durante os tempos difíceis em Salé, eles foram protegidos por um muçulmano, cujo apelido era Ben-Saud[[15]](#footnote-15). Os Assiboni teriam adoptado o apelido Ben-Saúde[[16]](#footnote-16), em homenagem ao seu protector. Mais provável é que o mesmo amigo muçulmano tenha também fornecido a Abraham documentos com o seu apelido, para que pudesse sair de Marrocos e chegar a salvo ao seu destino.

Perante a dupla situação de insegurança física e as dificuldades nos negócios, muitos judeus começaram a procurar outras paragens para viver. Alguns mudaram para Casablanca, onde se colocavam sob a protecção dos franceses, outros foram tentar o destino em Mogador (Essaouira) e Mazagão, outros ainda mudaram para Gibraltar e para Portugal.

Em 1807, o Sultão determinou que os judeus vivessem separados do resto da população, confinados a judiarias, que em Marrocos se chamavam *melaḥs[[17]](#footnote-17)*.

Isso foi um incentivo para que Abraham Assiboni decidisse também procurar outras paragens para ganhar o seu pão e criar uma nova vida para si e para os seus.

O primeiro destino parece ter sido Gibraltar onde, como colónia inglesa que era, os judeus tinham a protecção da Grã-Bretanha. Talvez tenha levado consigo sua mãe, ou tê-la-á feito chegar pouco tempo depois. Em Gibraltar terá também encontrado e casado com Esther Amiel, filha de uma conhecida família de negociantes de cereais de Casablanca. Aí nasceu também o seu primeiro filho, ao qual, segundo a já referida tradição sefardita, ele deu o nome de seu pai, Yehuda[[18]](#footnote-18) (Judah) Assiboni.

De Gibraltar ele seguiu viagem mais tarde, num veleiro, para Ponta Delgada, talvez via Lisboa, deixando temporariamente a esposa, o filho e a mãe, em casa dos seus sogros. Levou consigo um suprimento de mercadoria, provavelmente têxteis, que lhe serviria para iniciar os seus primeiros negócios no arquipélago.

Porquê Açores e não Lisboa?

Quando os judeus de Marrocos iniciaram a sua emigração para lugares mais promissores, em Portugal, ainda funcionava oficialmente a Inquisição. Só em 1821 o tribunal do Santo Ofício foi formalmente extinto, por decisão das Cortes. Legalmente não podiam viver judeus no país. Aqueles que vinham de Gibraltar e possuíam nacionalidade inglesa estabeleceram-se em Lisboa, onde eram "tolerados" ao abrigo da velha aliança luso-britânica. Os outros foram cautelosamente para Faro, no Algarve, longe da capital. Abecassis ]ABECASSIS, Genealogia, II, p. 279[ cita o exemplo de Abraham Bensliman (cuja família se viria a unir pelo casamento com os Bensaúde), que vivia em Meknés, entre Rabat e Fez. Pelos mesmos motivos acima citados, o *melaḥ* de Meknés foi saqueado. Abraham Bensliman viveu seis anos escondido no subterrâneo de sua casa. Como fazia negócios com o importante negociante lisboeta Jerónimo Martins, aconselhou-se com ele. O conselho deste foi que se estabelecesse em Lagos, pois em Lisboa a Inquisição ainda estava activa[[19]](#footnote-19). E ele assim fez.

Abraham Assiboni optou pelas ilhas, onde o comércio não estava desenvolvido, e os comerciantes gozavam de isenção ou redução de direitos alfandegários. Nomeadamente, o comércio de têxteis parecia promissor, porque a população comum se vestia com tecidos, produzidos artesanalmente nas aldeias, com linho e lãs de cordeiro de produção local. Tecidos importados do continente e da Inglaterra ficavam por preços insuportáveis para a população menos abastada.

Abraham Assiboni tinha sofrido um percalço traumático durante a viagem, quando o barco em que viajava teve que procurar abrigo no porto de Cádiz e aí ele foi preso pela inquisição espanhola[[20]](#footnote-20). Não será pois de estranhar que, ao desembarcar em Ponta Delgada, ele tenha optado por conservar o apelido constante dos seus documentos, até ver o que iria suceder com a Inquisição portuguesa. Outra razão para o fazer foi o desejo de se tornar o mais cedo possível cidadão português e criar uma família portuguesa. O apelido Bensaúde tinha a vantagem de soar mais português, e, da maneira como o escreviam então, em duas palavras "Bem-Saúde"[[21]](#footnote-21), até tinha um conveniente significado na língua portuguesa. O seu nome próprio foi aportuguesado para Abraão.

Entretanto, em 1825, sete anos após o seu desembarque em Ponta Delgada, Abraão Bensaúde, já pode trazer para junto de si, a esposa, a mãe e o filho Judah. Seguindo a mesma estratégia de aportuguesamento da família, o filho passou a chamar-se Joaquim Bensaúde[[22]](#footnote-22). Nos actos religiosos continuou a usar apenas o nome do avô, Yehudah Assiboni.

Todos os Yehudah da família se chamaram, para efeitos civis, Joaquim, nome próprio que ainda hoje tem continuidade na família.

Perante a comunidade judaica, tanto nos Açores como em Lisboa, eles foram sempre Assiboni. Nasciam Assiboni, casavam-se e eram sepultados como Assiboni (em alguns casos as sepulturas tinham também Bensaúde). Com o nome de Assiboni participavam em todos os actos religiosos judaicos.

Abraão Bensaúde preparou a vinda para os Açores de seus irmãos Jacob, José e Elias, assim como de seu primo Salomão. Todos estes adoptaram as formas portuguesas dos seus nomes próprios e o apelido Bem-saúde ou Bensaúde. Mais tarde veio também a irmã Raquel, casada com Isaac Zafrani.

Jacob, com a ajuda do irmão, foi comerciante em Angra do Heroísmo, onde faleceu solteiro em 1826. José estabeleceu-se na Graciosa, onde também faleceu solteiro, mais ou menos pela mesma altura.

Em memória destes dois irmãos falecidos, Abraão Bensaúde ofereceu em 1832 uma Torah[[23]](#footnote-23) à sinagoga provisória de Ponta Delgada, formada pelos imigrantes.

Elias Ben-Saúde viveu algum tempo no Faial, onde montou a Casa Bensaúde dedicada ao comércio marítimo. Esteve depois associado com o seu primo Salomão Bensaúde. Foi ele que construiu a sua casa em Ponta Delgada, no local a que deu o nome da Pico de Salomão, em homenagem a seu primo, onde ainda hoje membros da família têm as suas residências.

Numa viagem de negócios a Manchester, Elias conheceu a sua futura mulher, Rachel Friedberg Nathan, com quem casou, dando assim início ao ramo Nathan Bensaúde da família.

Quando os comerciantes marroquinos começaram a chegar aos Açores, os comerciantes da praça, recebiam os estrangeiros com a tradicional hospitalidade portuguesa. Mas não viam com bons olhos a concorrência que lhes vinham fazer. Os hebreus – como eles lhes chamavam, talvez para evitar o sentido pejorativo da palavra "judeu" – vendiam os seus tecidos por preços muito mais baratos do que os equivalentes custavam aos comerciantes locais, tornando-os acessíveis a uma gama muito mais vasta da população. Com o dinheiro que recebiam, e aproveitando a isenção de direitos, importavam mais tecidos, criando uma situação insustentável para o comércio local. Este iniciou uma campanha para que os estrangeiros fossem proibidos de exercer o comércio. Contudo era difícil proibir a actividade de quem tornava os preços reais muito mais baratos. Não era *dumping,* eram preços reais de custo e lucros normais. Então, intentaram atacar os concorrentes com o argumento de que estavam a exportar o dinheiro das vendas para o estrangeiro, com prejuízo da economia local. As autoridades responderam a esses argumentos obrigando os estrangeiros a empregarem todo o dinheiro cobrado das vendas em compras no mercado local. Bensaúde e os restantes judeus marroquinos que entretanto foram chegando aceitaram a nova condição como um desafio. Eles empregavam os seus ingressos na compra de laranjas e outros produtos locais, que exportavam para Inglaterra, compensando assim o valor das importações.

Isto, quer quisessem quer não, tinha um impacto importante na economia local. Acresce que os marroquinos também colocavam os seus produtos de importação à disposição de revendedores locais, por preços convidativos, permitindo-lhes participar das novas condições do mercado, e prestar ao mesmo tempo um serviço aos seus próprios clientes. Então a economia das ilhas sentiu o beneficio e aceitou os recém-chegados na sua própria vida social.

Os novos imigrantes estabeleceram-se nas diversas ilhas. Em S. Miguel sobretudo, já existia um quórum mínimo de 10 varões, sem o qual os judeus não podem fazer as suas orações colectivas. Surgiu a necessidade de criar uma sinagoga. Antes, porém, segundo a tradição judaica, era mais urgente criar um cemitério, onde sepultar os corpos daqueles que fossem falecendo. Local para fazerem o seu culto poderia ser qualquer casa, conservada com dignidade e limpeza. Mas os mortos havia que sepultar. O terreno para o cemitério de Ponta Delgada foi comprado em 1834. A primeira pessoa a ser ali sepultada, foi Raquel Ben-Saúde Zafrani, irmã de Abraham Bensaúde. O prédio onde foi instalada a sinagoga "Sha'ar Hashamaim" (Sahar Hassamaim, na transcrição da pronúncia marroquina) foi adquirido em 1836. Entre os nomes dos sete fundadores contam-se Abraham Ben-Saúde, seu irmão Elias, seu primo Salomão, e seu cunhado Izaac Zafrani, que foi também o primeiro oficiante da sinagoga. Após o falecimento de Izaac Zafrani, a pequena comunidade judaica micaelense já se afoitou a contratar os serviços de um rabino vindo a seu convite de Rabat. David Zagury nasceu em Mogador, onde fez os seus estudos rabínicos, após os quais dirigiu yeshivot em Marakesh e em Rabat. Chegado a Ponta Delgada em 1857, o rabino Zagury criou uma sala de estudos para adultos, todos eles cultos na literatura sagrada, que se reuniam à noite, nos dias de semana, e estudavam o Talmud, durante três horas. Ao sábado, ele fazia-lhes um sermão semanal[[24]](#footnote-24). Nessa altura, a sinagoga adquiriu também uma colecção dos tratados do Talmud, que ainda lá se encontrava, quando visitei a sinagoga, então em ruínas. Na sua obra citada, o rabino refere entre os "homens sábios e inteligentes" que estudavam o Talmud juntamente com ele, dois membros da família Bensaúde: Salomão Bensaúde e Elias Bensaúde *"a que chamam Assiboni". (SIC)*

Todos os membros da pequena comunidade judaica eram pessoas bem ilustradas na religião, e quase todos tinham frequentado *yeshivot* (seminários rabínicos), dos quais havia um muito bom em Salé. Também os membros das primeiras gerações família Assiboni-Bensaúde eram judeus sabedores da religião e cumpridores. Além de ter promovido a compra do edifício para a instalação da sinagoga, Abraham Bensaúde chamou a si as funções de *mohel* (circuncisador), ofereceu à sinagoga uma cadeira de circuncisão (dita cadeira do Profeta Elias) e foi ele que, enquanto viveu, circuncidou todas as crianças judias nascidas em Ponta Delgada.

Vejamos agora a evolução dos hábitos onomásticos da família Assiboni-Bensaúde.

Abraham casou, em Gibraltar, com Esther Amiel.

Abraham Assiboni e Esther Amiel tiveram cinco filhos: Yehuda Assiboni (Judah nome do bisavô), aliás Joaquim Bensaúde, Reina[[25]](#footnote-25) Assiboni (nome da bisavó, aliás Helena Bensaúde), Yaacob Assiboni (aliás Jacob Bensaúde), Yossef Assiboni (aliás José Bensaúde) e Rahel Assiboni (aliás Raquel Bensaúde).

Tradicionalmente, o primogénito de cada um dos filhos varões deste casal seria nomeado Abraham Assiboni. Mas *o homem põe e Deus dispõe.*

Joaquim emigrou para o Brasil, onde faleceu em Fevereiro de 1856, sem filhos, quando já pretendia regressar aos Açores. Seu irmão Jacob casou com Fortunata Azulay. O seu primeiro filho nasceu em Maio do mesmo ano, três meses depois do falecimento de Joaquim. Talvez para perpetuar o nome Joaquim Bensaúde, deram esse nome ao seu primogénito e não Abraão, como seria a tradição. Tiveram depois Esther, nome da avó, e Moshê, que em português se chamou Maurício.

O outro irmão, José Bensaúde, casou com Rachel Hassan Bensliman, de quem teve quatro filhos – Alfredo, Judah (Joaquim), Esther e Aaron (Raúl). Aaron era o avô materno, pai de Rachel. A lógica indica que o nome judaico do primogénito Alfredo Bensaúde, fosse Abraham Assiboni. Não consegui localizar qualquer documento provando que assim fosse. Ambos os nomes principiam pela letra "A". Na sua sepultura está apenas o texto português. Em algumas genealogias está "Abraham Ezra". Ezra não se encontra na família nem é nome comum entre os judeus sefarditas. Alfredo Bensaúde casou com Jeanne Eleonore Oulman, dando assim início ao ramo Oulman da família açoriana Bensaúde, que assim se unia à aristocracia europeia, primeiro a judaica e, mais tarde, mesmo à não judaica.

Abraham Bensaúde educou a sua família no cumprimento das leis e costumes da sua religião. Além de estudioso, Abraham Assiboni era um judeu religioso e cumpridor, mas tolerante e não fanático.

Essas qualidades foram postas à prova em 1854, quando a filha mais nova, Raquel, se converteu ao cristianismo para se casar com José Maria do Couto Severim, companheiro de seus irmãos. O casamento civil ainda não existia em Portugal e a única forma de consagrar a união de um cristão com uma judia era a conversão desta à religião do marido[[26]](#footnote-26).

Para uma família judaica não podia haver maior desgosto. A consequência imediata era os pais guardarem luto pela filha. Alfredo Bensaúde conta que seu pai pensou até desafiar o cunhado para um duelo[[27]](#footnote-27). Mas foi dissuadido por um amigo de ambos. Quis o destino que Raquel se visse forçada a recolher-se ao lar dos seus pais. Abraão, mais tolerante, recebeu carinhosamente a filha "desviada da religião". Para a mãe, Esther, porém, Raquel era agora uma estranha que recebeu em sua casa, mas já não era sua filha[[28]](#footnote-28).

Reyna, também conhecida por Helena Bensaúde, casou-se com um primo distante, Mimon Bensaúde ou Assiboni, que faliu negociando tecidos nos Açores, onde faleceu em 1892. Mimon era filho de Aaron (Arão) Assiboni. Também neste ramo da família seguiram a tradição de nomear o primogénito pelo avô. Mimon e Helena Bensaúde tiveram três filhos. Um deles, Arão Bensaúde, foi pai de outro Mimon, que teve também outro Arão. Este neto nascido em 1847, casou-se com Jacot Bensliman, neta do já referido Abraham Bensliman, de Maknes. Arão e Jacot (Bensliman) Bensaúde também tiveram três filhos, um deles foi Sarah Bensliman Bensaúde, que se converteu ao Catolicismo para se casar com o general Fernando Branco. Também esta conversão e o casamento originaram uma pequena tempestade na família tradicional judaica. A mesma tolerância já referida desempenhou neste caso o elemento apaziguador. Foram estes os avós do antigo presidente da República Jorge Sampaio. Outro filho daquele casal foi Abraão Bensliman Bensaúde.

Jacob também chamou ao seu primogénito pelo nome do avô, Joaquim (Judah) e ao segundo filho Moisés, dando-lhe o nome português de Maurício.

Alfredo teve Matilde e Joseph Emilio Albert, sendo Joseph o nome do avô paterno e Emílio o nome do avô materno, uma inovação nos costumes onomásticos da família.

José Emílio Albert Bensaúde foi outro exemplo pouco comum de tolerância religiosa nesta família. Ele casou em 1916, em Nova Iorque, com uma senhora açoriana, católica, antiga empregada da Fábrica de Tabaco Micaelense, ocasionalmente a viver nos Estados Unidos. Tudo indica que a noiva se converteu ao judaísmo, pois o celebrante foi o rabino ortodoxo David de Sola Pool, rabino-mor da Spanish and Portuguese Sinagogue, daquela cidade, que não o celebraria de outro modo. Mas logo dias depois, para agradar aos sentimentos da noiva, voltou a casar numa igreja católica![[29]](#footnote-29)

Judah (Joaquim) filho de José Bensaúde, no seu casamento com Cecilia Sophia Nathan Bensaúde, assinou a *ketubah* com o nome "Judah Assiboni, *a que chamam Bensaúde"*. A noiva foi mencionada no mesmo documento, pelos seus dois nomes não judeus – Cecília Sophia. Tiveram Rachel (nome da avó materna) Margarida e Vasco Elias. Elias é Eliahu em hebraico e era o nome do avô materno, Eliahu Assiboni. Encontramos, neste ponto, a segunda inovação onomástica da família: um nome hebraico do lado materno, ainda que do mesmo apelido paterno, e a adição do nome hebraico ao nome civil.

Aron (Raul) Bensaúde chamou ao seu primeiro filho varão Joaquim e ao segundo Alfred (1908- ). Alfred recebeu o nome judaico de Abraham, o que mais convence de que o nome judaico do tio-avô Alfredo deveria ser também Abraham.

Abraham Nathan Bensaúde foi filho de Salomão Assiboni, cujo nome foi dado ao Pico de Salomão, em Ponta Delgada, onde Elias Ben-Saúde , construiu a sua casa, onde ainda hoje habitam descendentes de Elias, irmão de Abraham. Salomão casou com Esther Friedenberg Nathan. Salomão foi o primo de Abraham Assiboni, o primeiro da família a chegar aos Açores. Abraham Nathan Bensaúde foi um comerciante de muito sucesso, que fundou a "Casa Bensaúde & Cª" e o Banco Lisboa & Açores, entre outras empresas. As suas importantes contribuições para a comunidade judaica de Lisboa incluem a cobertura de todas as despesas da velha sinagoga "Ets Haim 1ª", que prevaleceu em funcionamento mais de meio século depois da inauguração da sinagoga "Shaaré Tikvá". Foi também o primeiro presidente honorário da Comunidade Israelita de Lisboa. Casou com sua prima direita Emília Nathan Bensaúde, e não tiveram descendência. Na *ketubah* deste casal surge, suponho que pela primeira e única vez, o apelido de ambos os nubentes com a grafia "Siboni", sem o artigo. Contudo o noivo assinou apenas com caracteres europeus e com o nome Abraham Ben Saúde. Abraham Nathan Bensaúde faleceu quando se encontrava acidentalmente em Paris, e o seu corpo foi translado para o cemitério israelita de Lisboa. O conceituado hebraista Josef Benoliel, no seu livro manuscrito[[30]](#footnote-30) "Zmirot Yisrael", reproduz o texto da campa de Abraham Nathan Bensaúde, que refere como "o chefe e dirigente da Santa Congregação de Lisboa, a cidade capital, Abraham Hassiboni, *a que chamam Ben Saúde*, falecido em Paris".

Também na família de Vasco Elias Bensaúde e de sua mulher, Lili Rose Éleonore Kann vamos encontrar exemplos de tolerância religiosa. Um dos seus netos, que por ser filho de mãe católica, não era judeu, contou numa entrevista que, quando ia visitar a avó ao domingo, esta o recriminava por não cumprir o seu dever perante a sua religião, que o obrigava a ouvir missa ao domingo…

Alfredo Bensaúde escreveu que Ben-Saúde não é nome raro entre os judeus marroquinos. Na verdade é que não há muitos que não se possam relacionar, de alguma forma, com a família açoriana. Tal facto até seria estranho por contradizer a tradição familiar sobre esse apelido. Para efeitos dos seus negócios globais, os Bensaúde dos Açores tinham agências em Mogador, Gibraltar, Hamburgo, Londres, Manchester e Lisboa. Estas são precisamente as cidades onde se encontram outros Bensaúde. Não seria de estranhar que alguns dos seus agentes fossem membros da família, que adoptaram também o mesmo sobrenome. Também é da admitir que alguns membros da família tenham regressado temporariamente a Marrocos. Em Rabat mesmo, em 1896, um E. Bensaúde foi nomeado agente consular dos Estados Unidos. Em Londres encontramos um judeu marroquino, Isaac Bensaúde (nascido em 1823), filho de Moses Bensaúde e casado com Esther Benzaquen. Tiveram sete filhos, Jacob[[31]](#footnote-31), Moses[[32]](#footnote-32), Reina, Estrella, Haim, Phoebe e Clara. No recenseamento daquela cidade de 1881 são todos mencionados como naturais de Marrocos. No cemitério de Essaouira (Mogador), estão sepultados Jais (Yaish?) Bensaúde e Rebeca Ohana Bensaúde, nascidos respetivamente em 1871 e 187, talvez marido e mulher.

A presença dos judeus marroquinos nos Açores diminuiu substancialmente a partir de 1870, meio século depois da chegada do Abraham Assiboni. As vantagens que os Açores ofereciam começaram a desaparecer, os direitos de importação foram igualados aos da metrópole, e os judeus procuraram outros destinos mais convidativos, quer em Lisboa, onde já existia uma colónia judaica significativa, quer no Brasil e outros países. Os Bensaúdes não os acompanharam. Eles souberam identificar e aproveitar os novos desafios, e como novos açorianos continuaram a desenvolver e a alargar os seus negócios, levando a economia do arquipélago a crescer com eles.

A família Bensaúde pertence hoje à aristocracia empresarial dos Açores, de Portugal, e até da Europa. Contudo mantiveram sempre o mesmo perfil recatado.

Em 1948, o «Jewish Chronicle», numa crónica datada de Lisboa, escrevia: *"O nome Bensaúde pode ser sempre esperado à cabeça de qualquer colecta judaica em Portugal… É o nome de uma família assaz conhecida mas raramente vista nos círculos judaicos."*[[33]](#footnote-33)

Num antigo "midrash" judaico (comentário de interpretação bíblica) os rabinos explicam as quatro razões porque os judeus, que foram escravos no Egipto, durante quatro séculos, mantiveram a sua identidade como povo. Uma dessas razões foi não terem mudado os seus nomes de origem[[34]](#footnote-34).

*"Reuven e Shimon eram os seus nomes quando chegaram e Reuven e Shimon eram quando partiram. Não mudaram de Yehudah para Rofeh, nem de Reuven para Luliani, nem de Yossef para Lastis, nem de Benjamin para Alexandre."*

Os Bensaúde dos Açores conseguiram deliberadamente conservar duas identidades, sem confundir entre elas e indiferentes às leis canónicas: a identidade portuguesa açoriana e a identidade étnica judaica, sendo esta sinónimo de A FAMÍLIA.

BIBLIOGRAFIA

|  |  |
| --- | --- |
| ABECASSIS, Genealogia | José Maria Abecassis – "Genealogia Hebraica Portugal e Gibraltar – Secs. XVII a XX." – Lisboa 1991 |
| AMZALAK, Zagury | Moses Bensabat Amzalak, "O Rabi David Zagury, rabino da comunidade israelita de S. Miguel (Açores) no século XIX", Lisboa 1950 |
| BENSAÚDE, ALFREDO Vida | Alfredo Bensaúde, "Vida de José Bensaúde", Porto, 1936. |
| DIAS, Indiferentes | Fátima Sequeira Dias, "Indiferentes à Diferença", Ponta Delgada, 2007. |
| LAREDO, Noms | Abraham I. Laredo - "Les Noms de Juifs du Maroc", Madrid 1978 |
| SALOMON, Documento | Herman Prins Salomon, "Um documento inédito sobre a “moderna” comunidade Israelita de Lisboa"*Cadernos de Estudos Sefarditas*, nº 1, 2000, pela Cátedra de Estudos Sefarditas «Alberto Benveniste», Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa |
| ZAGURY, LeDavid | David Zagury, "LeDavid Lehazkil", Londres, 1891 |

1. A localização desta sinagoga tem causado uma certa confusão aos historiadores. Abecassis ]vol. V. p. 3[ escreveu que a sinagoga "terá andado irradia", funcionando em diversas moradas. A verdade é que todas as moradas que ele indica são do mesmo prédio, em cujo 1º andar, alugado, foi fundada, em 1813, a sinagoga, com o nome de Shaar Hashamaim, pelo reverendo Abraham Dabella (provavelmente o apelido original era "D'Avilla"). A sinagoga mudou de nome, e o arruamento também mudou de nome várias vezes. Era Beco das Linheiras e atualmente chama-se Travessa do Ferragial, e a casa tem o nº 10. Passei por lá há alguns anos, para revisitar exteriormente, pois os meus pais e eu frequentámos a Ets Haim 1ª, entre 1940 e 1949. Fiz lá a minha *Bar-Mitsvá*. Éramos os únicos *ashkenazis* que a frequentávamos, para ajudar a cumprir *minyan* (fórum de dez varões) sem o qual se não podem realizar orações públicas. A razão por que ela se manteve a funcionar quase século e meio foi o haver judeus marroquinos que viviam naquela área, e se não mudaram para a área do Rato e imediações, quando, em 1904, a sinagoga "Ets Haim 2ª" (dita "sinagoga grande") do Beco dos Apóstolos, fechou e foi substituída pela "Shaaré Tikvá", em edifício próprio, na Rua Alexandre Herculano. Em 1949, a nossa família saiu temporariamente de Portugal, por motivos familiares, e então deixou de haver *minyan* na Travessa do Ferragial. [↑](#footnote-ref-1)
2. Retirada do culto há muitos anos, por já não viverem judeus na cidade, e transformada agora em Museu judaico. [↑](#footnote-ref-2)
3. Eu próprio hesitei muito em revelar ou não aqui os nomes dos membros da família por detrás destas beneméritas acções, porque sei que iria ferir susceptibilidades injustificadas mas reais. [↑](#footnote-ref-3)
4. Este uso causa muitos pesadelos aos genealogistas, confrontados com famílias em que os nomes próprios se repetem por muitas gerações, v.g. Abraham>Yehuda>Abraham>Yehuda>Abraham… [↑](#footnote-ref-4)
5. O significado de tintureiro para Siboni é o mais provável, mas não é seguro. A dificuldade reside no facto de que, na pronúncia peculiar de Marrocos, quatro carateres diferentes, o sameh (s), o sin (ś), o šin (como o ch em português) e o tsade (antigo s enfático – sad do árabe - , que se pronuncia ts)

soam todos ao ouvido menos treinado como "ss", e assim são normalmente transcritos em português. Para efeitos deste estudo, servi-me da grafia hebraica, quer de algumas pedras sepulcrais da família, quer nas referências em dois livros manuscritos, de bons hebraistas, como Joseph Benoliel (que reproduz o sepulcro do segundo Abraham Bensaúde) e de Mimon Abohbot , que inclui seis membros da família numa lista de falecidos, para quem pede orações. Em todas estas fontes o nome aparece com a grafia הצבעוני, da raiz hebraica "צבע", que designa "cor, tinta".cf. LAREDO, Noms, pag. 517; ABECASSIS, Genealogia, vol.II, pag. 188. O rabino David Zagury escreveu na sua obra "LeDavid Lehaskir", que entre os judeus que estudavam com ele o Talmud, em Ponta Delgada, se contavam "Salomão e Elias Bensaúde, a que chamam Assiboni, escrevendo em hebraico הסיבעוני o que poderá levar a atribuir outro significado ao nome. [↑](#footnote-ref-5)
6. Na *ketubah* (contrato de casamento) de Abraham Nathan Bensaúde, com sua prima direita, Emília Nathan Bensaúde (Ponta Delgada, 1866) , o apelido de ambos os noivos está escrito como Siboni. E, pela primeira vez o noivo não assina em caracteres hebraicos, mas apenas em caracteres europeus e com o nome Abraham Ben Saúde. [↑](#footnote-ref-6)
7. "A Cabalah em Marrocos – Ehal Hakodesh" - <http://moreshet-morocco.com> [↑](#footnote-ref-7)
8. Publicou uma edição do livro cabalístico de orações "Heikhal há-Kodesh" (Amsterdão, 1653). [↑](#footnote-ref-8)
9. Mimon Abohbot, "deão dos hebreus da ilha Terceira", no seu livro manuscrito "Tefilat Yesharim", recomenda que se façam rezas por alma de vários judeus, entre eles Mimon Hassiboni e mais os seguintes membros da mesma família: Jacob, Abraham, Shalom (Salon), Eliahu (Elias) e Rinai Yehuda (Judah), todos com o apelido Assiboni. [↑](#footnote-ref-9)
10. Abecassis, Genealogia, vol. II, p. 245 - § 17 [↑](#footnote-ref-10)
11. Alfredo Bensaúde escreveu que Mimon era sobrinho de seu avô. Portanto, ou Judah Assiboni teve também um filho Arão, ou Mimon era filho de algum dos seus irmãos conhecidos e não de Arão. A hipótese de ter sido um Arão é mais provável, dada a sequência dos nomes Arão>Mimon neste ramo da família. [↑](#footnote-ref-11)
12. O segundo (ou terceiro) Arão desta linha, casado com Jacot Bensliman, foi o bisavô do presidente Jorge Sampaio. [↑](#footnote-ref-12)
13. BENSAÚDE, Alfredo, Vida, pag. 53 [↑](#footnote-ref-13)
14. BENSAÚDE, Alfredo, Vida, Porto, 1936. [↑](#footnote-ref-14)
15. Saud é um nome próprio árabe, cujo significado é "afortunado". Um famoso portador do apelido foi Ibn Saud (Abd al-Aziz Al Saud) fundador e primeiro rei da Arábia Saudita**.** Como primeiro nome tem um equivalente judaico com a mesma raiz, "Mass'ud", que normalmente corresponde em português a Fortunato. [↑](#footnote-ref-15)
16. Alfredo Bensaúde escreveu que Bensaúde não era um apelido raro em Marrocos. Tenho para mim que o autor se equivocou, pois apenas uma pequena percentagem dos judeus que encontrei nas fontes, com este apelido, se não pode identificar com a família açoriana de que estamos tratando. Siboni ou Assiboni, são sim um apelido bastante comum em Marrocos e actualmente também em Israel. [↑](#footnote-ref-16)
17. Nas duas cidades irmãs houve dois *melahs*: em Rabat o *melaḥ* ia das falésias junto ao estuário do Bouregreg até às muralhas da cidade; e em Salé o *melaḥ* situava-se no porto Mérinide e nas fundações do antigo arsenal dos corsários. [↑](#footnote-ref-17)
18. Adiante veremos a razão por que o nome de Yehudah se converte em Joaquim. [↑](#footnote-ref-18)
19. Ainda em 1806, segundo relata Herman P. Salomon, o tribunal realizou uma audiência para decidir sobre uma queixa contra um rabino que realizava cerimónias religiosas judaicas num andar da Rua do Ouro. (SALOMON, Documento) com a devida vénia. O processo não teve seguimento, mas, pelo menos, foi iniciado, quando já havia judeus a viver em Lisboa. [↑](#footnote-ref-19)
20. BENSAÚDE, ALFREDO, p. [↑](#footnote-ref-20)
21. Tal como em outros idiomas, a população lusófona tinha uma tendência natural para aportuguesar as palavras estrangeiras, *ad absurdum*. Veja-se, como exemplo, o caso do visitador da Inquisição, que apreendeu vários livros proibidos numa nau, atracada nos Açores, reportando que o seu capitão era "cueca" (Quaker). [↑](#footnote-ref-21)
22. Joaquim é também um nome hebraico. Joaquim foi o 19º rei de Judah. Joaquim foi também o avô materno de Jesus, segundo a tradição cristã. Mas era usado frequentemente como nome português. [↑](#footnote-ref-22)
23. Rolo do Pentateuco em pergaminho para ser usado no serviço religioso. [↑](#footnote-ref-23)
24. ZAGURY, LeDavid – Prefácio, e AMZALAK, Zagury – p. 11-24. Também ABECASSIS, Genealogia, IV, 195-197 [↑](#footnote-ref-24)
25. Reina não é um nome hebraico, é espanhol, mas adoptado e muito comum entre os judeus de Marrocos espanhol, como tradução de Malcá (Raínha). [↑](#footnote-ref-25)
26. BENSAÚDE, Alfredo, Vida, p. 22 [↑](#footnote-ref-26)
27. BENSAÚDE, Alfredo, Vida, p. 22 [↑](#footnote-ref-27)
28. Este episódio lembra outro assaz conhecido da História de Portugal: o episódio de Pêro Esteves, sapateiro judeu da Guarda, conhecido por "Barbadão", que deixou crescer a barba, sinal de luto entre os judeus, porque a sua filha manteve uma relação com o futuro Mestre de Avis. Contudo, quando o Mestre a levou para Veiros, no Alentejo, o pai seguiu-a até lá para estar perto da filha. Diz ainda a tradição que aí Pêro Esteves concebeu o plano de matar o mestre, mas depois desistiu do seu intento, quando D. João lhe demonstrou que era o primeiro a respeitar o seu desgosto. [↑](#footnote-ref-28)
29. ABECASSIS, Genealogia, IV, 214. [↑](#footnote-ref-29)
30. O manuscrito foi vendido num leilão em 2013, não sei a quem, e, tanto quanto consegui averiguar, nunca foi impresso. [↑](#footnote-ref-30)
31. Nome próprio do avô materno. [↑](#footnote-ref-31)
32. Nome próprio do avô paterno. [↑](#footnote-ref-32)
33. Gabrielle Adelaide Mode, in "The Bensaúdes of Lisbon", «J.C.», 4/3/1948 [↑](#footnote-ref-33)
34. Vayikra Rabba 32:5 [↑](#footnote-ref-34)